

Prazer em conhecer **VILA FRANCA**

O ENCONTRO DOS ENCONTROS



Realização:



inct
institutos nacionais
de ciência e tecnologia



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação



Apoio:



FORD FOUNDATION
Na linha de Frente das Mudanças Sociais

OS AUTORES 3

PRA COMEÇO DE CONVERSA 4

PASSO A PASSO 5

A RESEX-TAPAJÓS/ARAPIUNS 6

LOCALIZAÇÃO 7

MAPAS DE VILA FRANCA 8

UM POUCO DE HISTÓRIA 11

A VIDA COMO ELA É 12

DELÍCIAS DE NOSSA CULINARÁRIA 14

LENDAS, CONTOS E CAUSOS 15

GLOSSÁRIO 15

FICHA TÉCNICA 15

**Prazer em Conhecer
VILA FRANCA**

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2012



Os autores

A autoria deste trabalho deve ser atribuída aos comunitários de Vila Franca, que, reunidos se dedicaram a construir com esmero uma história, uma cartografia da memória, uma vez que os dados sobre as comunidades são escassos. Com a participação de um povo dotado de uma riqueza cultural peculiar em que homens, mulheres, crianças, jovens e adultos foram convidados a colaborar, respeitando o preceito de que todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

"Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã."

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade colhida em 2012, realizada com uma metodologia própria, criada a partir dos encontros e das visitas às comunidades, somada à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental. Estiveram presentes no levantamento os comunitários que estão na lista de presença ao final apresentada, com o objetivo de levantar Informações para construir coletivamente a Cartilha Prazer em Conhecer.

Essa maneira participativa foi escolhida para garantir a sistematização de conhecimentos que se fundam na oralidade e valorizam as riquezas do patrimônio material, cultural e do imaginário dos povos tradicionais da floresta, com vistas à sua disseminação junto às escolas, movimentos sociais e ambientais e para quem, de modo geral, se preocupa com os povos da floresta.

Os dados gerais e socioeconômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Enfim, mais um instrumento para mostrar que "debaixo da floresta da gente tem gente", gente que luta pela floresta em pé.

"O mundo não é, o mundo está sendo."

(Paulo Freire)





Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais, o reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos e florestas. O conhecimento que está na “memória popular” sobre as comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, seus atrativos, potenciais e desafios.

Com intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e a Fundação Ford, vem realizando um trabalho de documentação e divulgação denominado “**PRAZER EM CONHECER**”.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades da maior Unidade de Conservação de uso sustentável do Município de Santarém: A Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns. A proposta é a ampliação do conhecimento sobre a floresta e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e para o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha mostra a comunidade de **VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS/ARAPIUNS**, contendo abordagens históricas, curiosidades e mapas (imagem de satélite e cartografia participativa). Destacamos, também, que Vila Franca desenvolveu uma grande capacidade de organização e gestão comunitária e solidária, reconhecendo que **VILA FRANCA** sempre foi palco de grandes encontros, reunindo membros de comunidades e de associações pelo reconhecimento de território e outras decisões políticas. Desta forma a Vila mantém sua vida comunitária muito ligada aos eventos dos movimentos sociais e populares, que inclusive continuam acontecendo.



Passo a passo

O processo de mapeamento participativo ao mesmo tempo utiliza a "memória" da comunidade como principal subsídio, também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos menor risco de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe às comunidades, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método ANDRAGÓGICO, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando a oportunidade de falar-se a “mesma língua” e a seguir chegar a construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências com a contribuição de diversos atores do ELENCO SOCIAL envolvido.

Podemos comparar o caminho percorrido a uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.



SÍNCRESE – A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem a sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.



ANÁLISE – “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e seus conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE - A troca de experiências permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “lâmpada é remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.





A RESEX-Tapajós/Arapiuns

A comunidade de “VILA FRANCA, é um dos pontos mais importantes da RESEX, principalmente pela sua história e localização geográfica, que a aponta como uma posição estratégica, sendo caminho para todas comunidades da RESEX TAPAJÓS/ARAPIUNS, uma unidade de conservação de uso sustentável situada entre a margem esquerda do Rio Tapajós e a margem direita do Rio Arapiuns, numa área total de 647.610,74 ha.

A Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns abrange 74 comunidades localizadas nos municípios de Santarém e Aveiro.

Criada em 1998, a Resex foi o resultado de anos de luta da população da região contra madeireiros que exploravam de forma predatória os seus abundantes recursos florestais. A partir daí, os moradores das regiões do Rio Arapiuns e Rio Tapajós se unificaram no objetivo de impedir o avanço das empresas madeireiras que exploravam os recursos naturais sem promover o desenvolvimento da região.

Surgiu então o Grupo de Trabalho da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns (GT Resex), composto por ONGs, Associações Comunitárias e entidades de base. Em novembro de

1997, numa grande assembleia na Comunidade de Tucumtuba, por meio de um abaixo-assinado pelos moradores, foi solicitado ao IBAMA a criação da Reserva Extrativista.

Em seguida foi criada a Organização das Associações dos Moradores da Reserva, denominada associação TAPAJOARA, que reúne todas as organizações e associações da Reserva e representa legalmente, perante a sociedade e o governo, os interesses dos mais de 18 mil moradores da RESEX.

Em Vila Franca foi construído o auditório que abriga encontros, eventos e outras atividades da TAPAJOARA.

Hoje a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns é uma unidade de conservação utilizada por sua população na base do extrativismo, da agricultura familiar e da criação de animais de pequeno porte. A Resex é gerida por um Conselho Deliberativo, constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das comunidades tradicionais residentes na área. Seu objetivo básico é proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.



Localização

Localizada na ponta dos Rios Tapajós e Arapiuns, nas coordenadas 55° 1' 32,64" W 2° 20' 43,64" S, situada entre as comunidades de Maripá, no rio Tapajós (rio abaixo) e de Vila do Anã (rio acima), já no Rio Arapiuns.

A VILA FRANCA é considerada um ponto estratégico para quem navega nas majestosas águas desses dois rios.

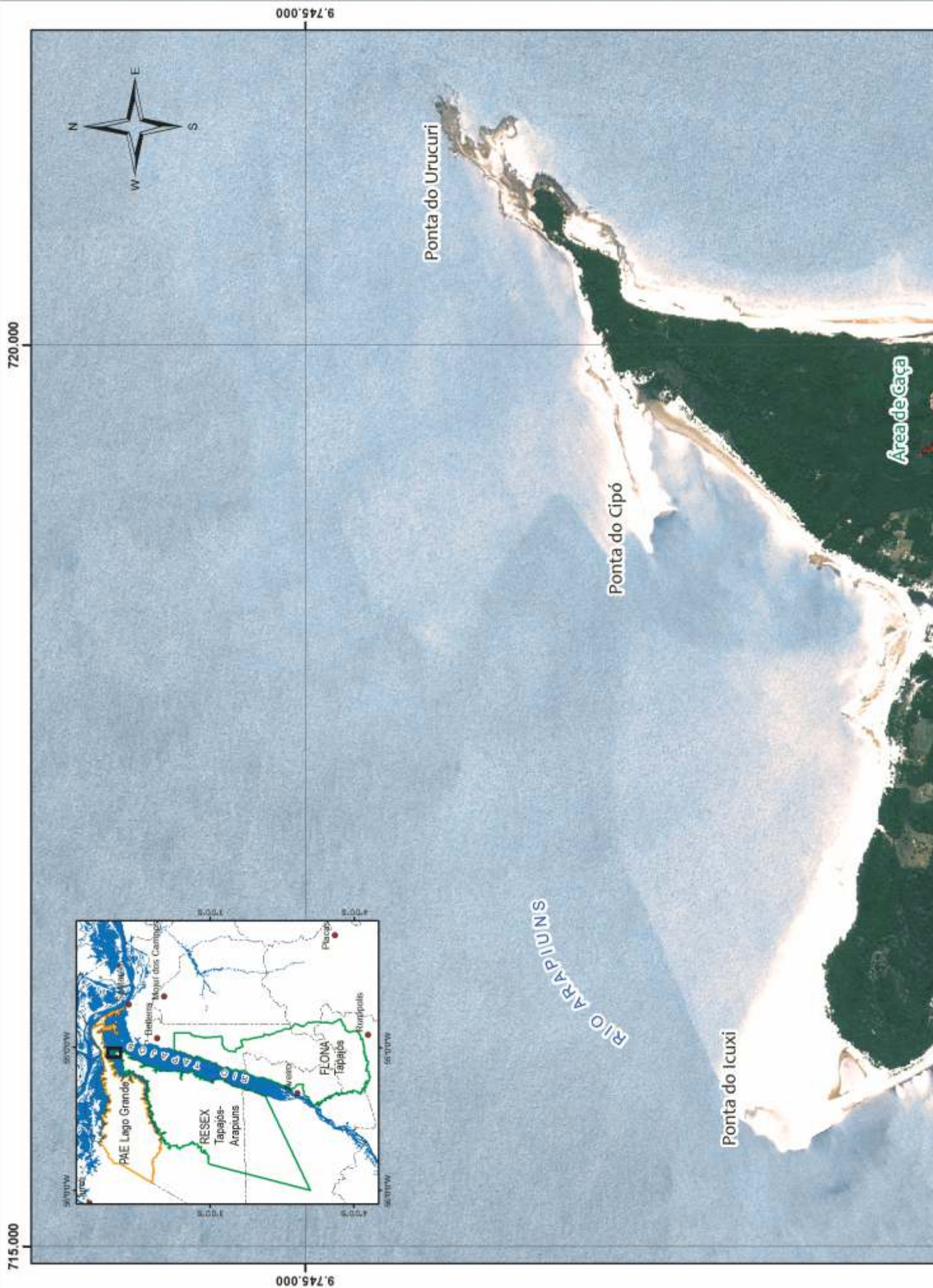
As casas, os espaços sociais e igrejas da Comunidade ficam de frente para o Rio Tapajós, enquanto seus fundos, já no Rio Arapiuns, serve de porto seguro para as embarcações.

Na área de Vila Franca residem 74 famílias, somando 298 pessoas no total.

O acesso à Vila Franca é garantido por barcos de linha, que fazem o percurso até Santarém nos domingos e quarta-feiras feiras, tendo um preço variável de R\$10,00 a R\$15,00, sendo que os volumes extras devem ser tratados separadamente.

Por ser geograficamente situada bem de frente com a VILA DE ALTER DO CHÃO, pode-se fazer uma rápida travessia das águas turbulentas dos rios em rabetas, bajaranas e lanchas, o que reduz o tempo de navegação quando se quer deslocar para a RESEX.





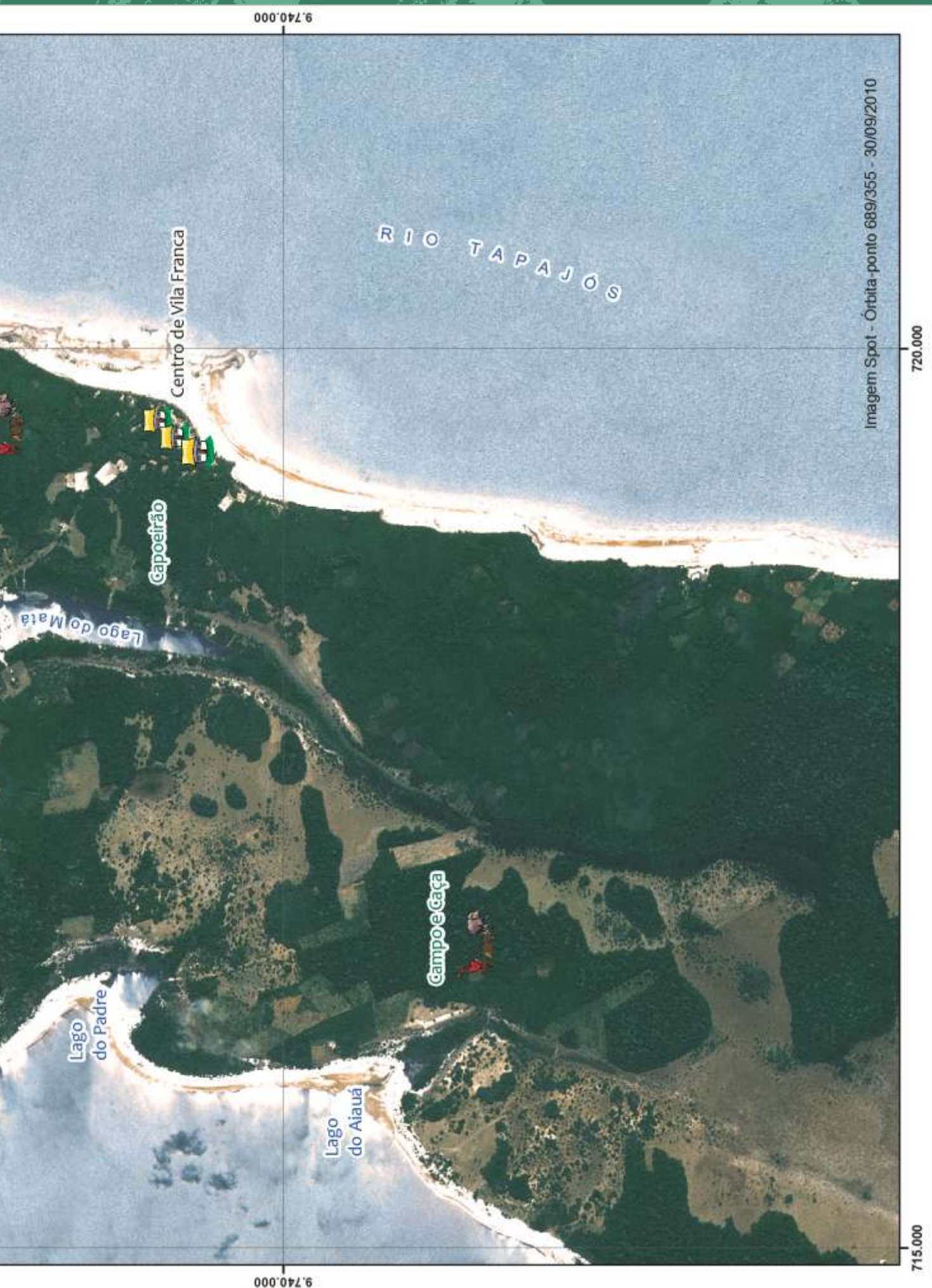
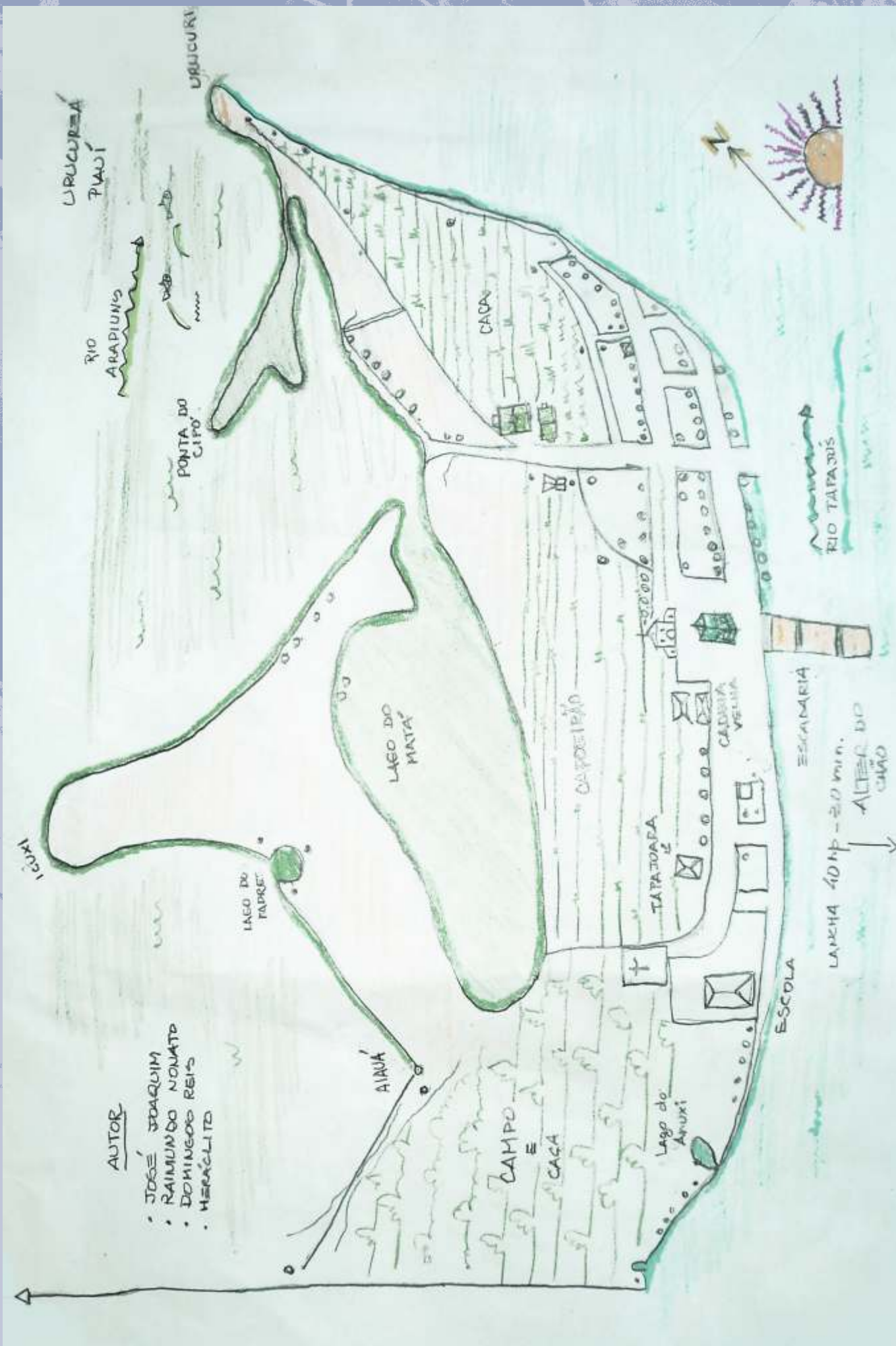


Imagem Spot - Órbita-ponto 689/355 - 30/09/2010



AUTOR

- JOSÉ JOAQUIM
- RAIMUNDO NONATO
- DOMINGOS REIS
- HERÁCLITO



Um pouco de história

Conta-se que o povoado que deu origem a Vila Franca surgiu em janeiro de 1723, pelo missionário Manoel Rebelo, padre secular da companhia Menino Jesus (jesuítas), que revoltado com os maus tratos sofrido pelos índios da região, desligou-se da missão dos Tapajós levando consigo centenas de índios àquela aldeia que tornou-se a missão de Arapiuns ou missão de Nossa Senhora da Assunção dos Arapiuns.

Em 1758, no caminho ao Peru, o Capitão-Geral Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em viagem administrativa, como Governador da Capitania de Maranhão e Grão-Pará, praticou a lei de 06 de junho de 1755, que autorizava sob decreto Régio, converter em vilas todas as aldeias missionárias dos Jesuítas. Ao subir o grande rio Amazonas, instalava a Vila Monte Alegre (27 de fevereiro). Subindo o rio Tapajós fundou as Vilas de Alter do Chão (06 de março), Boim (09 de março) e Pinhel (10 de março). Regressando erigiu a Vila Franca em 12 de março de 1758. Logo depois elevou também à categoria de vila a aldeia dos Tapajós (hoje Santarém) em 14 de março.

Em Vila Franca foi construído o prédio eclesial “Igreja Matriz”, que hoje é considerado pela comunidade como patrimônio histórico dedicado a devoção de Nossa Senhora da Assunção, cuja festa é celebrada no dia 15 de agosto.

As referências de importantes marcos históricos da Amazônia ainda estão presentes, mesmo que dispersos, seja na memória dos seus moradores, principalmente das pessoas mais velhas, quanto em algumas relíquias como “dobrões de bronze”, moedas da época colonial, que foram encontrados enterrados na Vila. Conta-se também que Vila Franca foi um dos palcos da cabanagem, guerra que ocorreu entre as décadas de 1930-40, quando o povo indígena, negro e mestiço se rebelou contra o império brasileiro, para tentar se libertar das péssimas condições de vida a que estavam submetidos. Vestígios dessa luta histórica ainda podem ser vistos em Vila Franca, como um canhão que teria sido usado naquele tempo.





A vida como ela é

Vila Franca é um lugar costelado de lindas praias e onde a cultura indígena ainda é persistente e permanece a tradição da fabricação de farinha, tarubã, caxará, manicuéra, artesanato e danças culturais.

As ruas são bem demarcadas e as casas que antigamente eram todas cobertas e cercadas de palhas e madeiras roliças, com o piso de terra batida, estão gradativamente sendo substituídas por casas de alvenaria conseguidas com apoio do INCRA. Atualmente são 47 casas já construídas na Vila Franca.

A comunidade é gerida por uma associação ASCOVIFRAN – Associação Comunitária de Vila Franca, fundada em 22 de outubro de 1992, que conta com 167 comunitários associados.

Na Vila há também um movimento indígenas organizado, no qual 20 famílias são lideradas pelo Cacique Enoque Monteiro.

Além dos associados do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém – STTR, também tem 02 associados da Colônia de Pescadores da Z-20 - Santarém

Economia

O agroextrativismo é a atividade econômica principal. A maioria das famílias de Vila Franca sobrevive de seus trabalhos, como a produção de farinha da mandioca, milho ou tapioca. Vendem artesanato utilitário como tipiti, paneiro, cesta de tucumã, biojoias e ainda encontram caça: paca, cutia, tatu, veado, onça, macacos, além do extrativismo de produtos da floresta: palha, lenha, cipó, jutai-cica, malva, entre outros.

Uma parte de seus moradores são funcionários públicos, e quase metade das famílias está incluída nos programas de distribuição de renda (Bolsa família e Bolsa verde).

Os quintais agroflorestais, projeto piloto implantado na Vila, contribuem com a segurança alimentar e a saúde de agricultores familiares. O objetivo deste trabalho é identificar as espécies medicinais e seus usos, analisar a divisão do trabalho familiar nestes espaços produtivos, assim como sua importância para a Comunidade.

As plantas medicinais foram coletadas em 20 quintais e 129 espécies foram identificadas por métodos etnobotânicos e catalogadas pela taxonomia botânica. Os quintais estudados são manejados por mão-de-obra familiar, sendo as mulheres as principais responsáveis pelo seu cuidado e manutenção. Além de constituírem espaços para o cultivo de plantas úteis, os quintais são utilizados para a criação de pequenos animais e como espaço de lazer e socialização dos moradores. Os quintais agroflorestais são ricos em espécies medicinais que contribuem com a saúde dos moradores locais e a manutenção do conhecimento tradicional a eles associados.

Saúde

Vila Franca, como as demais comunidades da Resex é visitada regularmente pelo Programa de Saúde da família fluvial (Barco Abarê).

Na comunidade funciona um posto de saúde com um agente comunitário de saúde (ACS) e um Atendente.

Tem Parteiras Tradicionais: Dona Tereza e Elpídia Bezerra, que trabalham com a fabricação de garrafadas e produtos naturais como sabão e sabonete íntimo.





Educação Cultura e Lazer

A comunidade possui o Ensino Fundamental sob a responsabilidade da prefeitura e o Ensino Modular para o curso médio a cargo Governo do Estado.

A comunidade mantém escola de Educação infantil ao EJA.

De 1ª a 8ª séries estão matriculados 87 alunos.

Contam com nove professores e 30 jovens estudam em Santarém. Trata-se de uma Escola Indígena.

O esporte e lazer são realizados de duas maneiras: junto aos professores (quando levam material desportivo) ou nos clubes Desportivos, o Grêmio e o Independente. Curiosamente o futebol só é praticado por pessoas do sexo masculino.

O imaginário da população da Vila é povoado de vários contos encantados e outros como: PORCA GRANDE; CAVALO; O CALÇA MOLHADA; CURUPIRA, O BODE.

Na época das festas temos apresentações de Festas Juninas, desfeiteiras, contra dança, dança dos pretos, derruba dos mastros, índia guerreira folia, carimbó e o marambiré.

As festas são sempre acompanhadas pelo grupo RENASCER, composto de 4 a 6 membros (depende o evento): Bernardo, Dario, Roman e André, e o repertório é variado: Valsas, Xotes, Marambirés, etc.

O Festival Purasy, conta com a apresentação de diversas danças da cultura indígena.

A festa, que faz parte do calendário social de Vila Franca, iniciada com um ritual religioso indígena, comandado pelo cacique Enoque Monteiro. O ritual evoca a proteção espiritual do deus Tupã, para que as atividades realizadas durante o festival possam transcorrer a contento.

A festa conta com a participação dos estudantes do Ensino Médio Modular Indígena (EMMI), ees são os responsáveis pela ornamentação do cenário da festa e pela apresentação da dança “Índia Guerreira”, a mais tradicional da aldeia. Aldeias vizinhas participam do evento.

A Matriz

Numa região linda, rica de histórias que desfrutaram de construções feitas por escravos, dentre as quais, as igrejas com suas imagens barrocas e as senzalas, os lugares onde os escravos eram recolhidos, destaca-se o prédio da Igreja, dedicado à devoção de Nossa Senhora da Assunção, cuja festa é celebrada no dia 15 de agosto.

No decorrer do tempo a construção bisseccular sofreu pequenas reformas, a última em 11 de maio de 2006, mas continua em estado precário. Precisamos unir nossas forças e assim trazer de volta o funcionamento do deferido templo de oração!

Há muitas histórias e lendas envolvendo a Igreja (o templo) e todos são muito temerosos.

Infraestruturas

✓ **Igreja de Nsa. Sra. da Assunção**

✓ **Barracão Comunitário**

✓ **Barracão da TAPAJOARA**

✓ **Posto de Saúde**

✓ **Escola Polo**

✓ **Rádio Comunitária UIRAPURU**

✓ **Um Telefone público**

✓ **Motor de luz** que atende 51 famílias que pagam uma mensalidade de R\$ 10,00 por 3 h de energia por dia (há motores particulares).

✓ **Microsistema de Abastecimento de Água**, com torneiras em todas as residências.

✓ **Campo de Futebol Comunitário.**

✓ **Energia:** Um motor gerador ilumina a grande maioria das residências, e cada usuário paga R\$10,00 por mês, sendo que têm energia sábado, domingo e quarta-feira das 19h às 23h. As residências que não têm energia comunitária têm motor e gerador próprio, que chegam a um total de 28.



Delícias de nossa culinária

CAXARÁ

Modo de preparo:

- Descasca a mandioca e seva, espreme no tipiti para a massa ficar bem sequinha, depois disso peneira e põe no forno, escalda e torra,
- Enquanto isso, rala a batata. Depois mistura um pouco de água a batata,
- Tira a farinha quente que está no forno e escalda a bate a batata,
- E assim segue o processo até a farinha para o caxará acabar no forno,
- Depois de amolecer bem, amasse com um pouco a massa com um pouco de água,
- Para encher nos potes, isso tudo em um dia só.
- No outro dia, penere e cõa, retira o bagaço e coloca o líquido nos mesmos potes, e depois desse processo todo, o caxará está pronto e pode experimentar.

PAÇOCA

Ingredientes:

Castanha de caju, farinha, sal, açúcar

Modo de preparo:

Asse a castanha numa prancha de Flandre, ou qualquer coisa que de para assar, Com um pauzinho fino fique de longe mexendo as castanhas até ficarem bem assadas. Depois tire do fogo e quebre para tirar só a sementinha de dentro, depois misture com a farinha, sal e açúcar

Depois soque num pilão até ficar uma farinha bem fininha, depois está pronta a paçoca . Bom apetite



Lendas, contos e causos

Mito do curupira

Assim como o boitatá, o curupira também é um protetor das matas e dos animais silvestres. Representado por um anão de cabelos compridos e com os pés virados para trás. Ele persegue aqueles que desrespeitam a natureza. Quando alguém desaparece nas matas, muitos habitantes do interior acreditam que é obra do curupira.

Um dia meu tio foi caçar animais. Diz a lenda que o curupira protege a floresta e molesta dos caçadores que não cuidam da mata. Então meu tio se perdeu na mata, rodando, rodando perdido. Sera que era o curupira? Sim ele fez os caçadores se perderem. Meu tio lembrou que podia destruir o curupira e teceu um círculo de cipó e assim ele conseguiu achar o caminho de volta para casa. E nunca mais quis matar os animais além do que podia para seu sustento.

Glossário

BAJARA - Embarcação feita de várias tábuas, normalmente impulsionada por motor de rabeta.

JUTAI-CICA – cipó resistente que produz o BREU, que foi muito usado como fonte de energia (fogo).

PALHA – Normalmente designada para definir as folhas do **TUCUMÃ**, muito utilizadas na confecção de paredes, telhados, tecidos.

TALA – Vareta retirada da folha do inajá ou outras palmeiras. É próprias para tecer artesanatos utilitários (tipitis, paneiros, jamanchins etc).

TARUBA, CAXARÁ, MANICUÉRA – especiarias preparadas a partir da mandioca muito bebida por ocasião de puxiruns, variando na textura e no preparo.

TIPITI – Artesanato utilitário utilizado na fabricação de farinha, serve para separar o tucupi da massa.

SEVAR – Espremer a massa

FICHA TÉCNICA



ALEGRIA

EQUIPE

Tibério Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Natanael Alves de
Souza / Catia Magalhães / Fabio Pena

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO
Edinelson Nunes

FOTOS

Acervo PSA e fotógrafos colaboradores

IMPRESSÃO
Gráfica Brasil

TIRAGEM
500 Exemplares

